



Narrativa midiativista: ensaio da experiência de construção e consumo coletivos de conteúdo informativo por *streaming* ao vivo¹

Michele Lima²

Mestranda do PPGCOM da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj)

Resumo

As transmissões por *streaming* ao vivo realizadas por midiativistas, com o uso da Internet e do aplicativo Twitcasting, durante as grandes manifestações de rua que ocorreram no Brasil, a partir de 2013, permitiram exercitar uma prática diferenciada de cobertura baseada, fundamentalmente, na interação com a audiência. Esse artigo propõe uma reflexão acerca de elementos dessa cobertura que podem caracterizá-la como uma experiência autêntica de produção e consumo coletivos de conteúdo informativo e a aproximam da narrativa clássica definida por Walter Benjamin.

Palavras-chave: midiativismo; *streaming* ao vivo; audiência conectada; narrativa.

Quando Walter Benjamin escreveu sobre o problema da técnica e destacou o declínio da Aura³ como consequência da capacidade tecnológica de reproduzir obras de arte e a inevitável alteração da experiência tradicional do sujeito, até então individualizada, para o contexto das massas, talvez ele não tenha vislumbrado a existência de uma rede de conexões como a Internet, mas já delineava um horizonte à frente do seu tempo.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 5 – Comunicação, Consumo e Novos Fluxos Políticos: ativismos, cosmopolitismos, práticas contra-hegemônicas, do 5º Encontro de GTs - Comunicon, realizado nos dias 5, 6 e 7 de outubro de 2015.

² Bacharel em Jornalismo pela Faesa (ES), atuou por 12 anos como profissional de comunicação da área Corporativa, atualmente é mestranda no Programa de Pós-Graduação de Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), na linha de Tecnologias de Comunicação e Cultura.

³ O conceito de Aura desenvolvido por Walter Benjamin (2012) no texto “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” diz que há um declínio da aura com a criação de tecnologias que têm a vertente da massificação, como o cinema, pois a reprodução de uma obra de arte implica na perda da sua unicidade e autenticidade, que só podem ser conferidas no contato direto com a obra original, alterando também a experiência do sujeito com a obra, que passa do individual para a massa.



Para Mirian Bratu Hansen (2008), professora de Ciências Humanas da Universidade de Chicago, paralelamente ao aspecto apocalíptico da visão de Benjamin acerca das transformações modernas, o autor também sinalizou uma perspectiva positiva dos meios tecnológicos com a ideia de que, com eles, seria possível reativar antigos potenciais de percepção e imaginação capazes de engajar os seres humanos numa experiência coletiva revolucionária para a formação de um pensamento não conservador, antifascista. Ou seja, as mesmas tecnologias que direcionam a subjetividade para a experiência de choque, ao anestesiar a percepção em um meio ambiente de hiperestímulo, paradoxalmente, podem contribuir com a reconfiguração do nível sensorial humano para enfrentamento das formas modernas de autoalienação.

Ao se defrontar com as novas situações e condições colocadas pelas tecnologias, é possível viver a experiência de estranhamento da própria figura alienada, numa dimensão criativa de lançar o pensamento para além de si mesmo. A experiência aurática carrega essa dimensão da figura do outro alienado que se choca com a sua identidade e causa a mesma sensação de estranheza do momento em que o objeto aurático devolve o olhar que você lança sobre ele, no sentido de te transformar, tocar.

Nessa leitura mais ampliada do conceito de Aura, Hansen traz um viés antropológico, perceptivo-mnemônico e visionário, que supera a esfera privilegiada da estética e da tradição, a partir da análise do campo de discurso no qual Benjamin procurou dissociar o termo.

“Aura’s epistemic structure, secularized and modernized (qua “profane illumination,” Weimar *flânerie*, “mimetic faculty,” and “optical unconscious”), can also be seen at work in Benjamin’s efforts to reconceptualize experience through the very conditions of its *impossibility*, as the only chance to counter the bungled (capitalist-imperialist) adaptation of technology that first exploded in World War One and was leading to the fascist conquest of Europe”. (HANSEN, 2008, 338)



Talvez a inquietação de Benjamin em “reimaginar (algo como) experiência sob as condições de cultura tecnologicamente mediada” (id., ib., 339), ainda que no contexto da sua impossibilidade, se mantenha nos estudos atuais dedicados a compreender as formas de relacionamento e comunicação vivenciadas pela sociedade contemporânea com o uso de artefatos tecnológicos. Com base nessa inquietação e em nos preceitos teóricos Benjaminianos descritos no texto O Narrador referente à derrocada da arte de narrar, esse artigo propõe discutir alguns aspectos da prática midiativista de cobertura por *streaming* ao vivo, difundida durante as grandes manifestações populares ocorridas no Brasil a partir de 2013, que podem caracterizar o que seria uma provável e autêntica experiência coletiva de construção e consumo de conteúdo informativo. Para elucubrar sobre esse pressuposto, que é parte da minha pesquisa de mestrado recentemente iniciada na Uerj, são elementos fundamentais de análise: a Internet, a interação entre emissor e receptor e a característica do ao vivo.

As coberturas em questão foram produzidas por ativistas - pessoas comuns que mal se identificam, mas costumam deixar aparentes seus posicionamentos ideológicos e políticos aos espectadores - , munidos de *smartphones* (aparelhos celulares inteligentes) conectados à Internet, e com o uso da rede social/aplicativo Twitcasting (<http://twitcasting.tv>), que permite transmissões audiovisuais ao vivo. Feitas direto das ruas, no meio dos protestos, tais narrativas se tornaram fundamentais na propagação dos acontecimentos deste momento histórico do país e conquistaram surpreendentes audiências para um veículo de comunicação alternativo.

Podemos pensar que essa adesão da audiência se deve, primeiramente, pelo avanço e condições propiciadas pela Internet, sobretudo a chamada Web 2.0, como espaço de potencialização da interação e da proliferação de homens-mídia. A bifurcação que abre, simultaneamente, uma via promotora da ação coletiva e outra que dá luz à pluralidade de subjetividades permite projetá-la como uma mídia-multidão. E, nesse sentido, a Internet se difere dos veículos de massa tradicionais, pois suscita um mudança radical na relação entre quem produz e quem consome



conteúdo midiático. Ou seja, abre espaço para que individualidades se reúnam no comum, incitando a ideia de algo além do conceito de massa.

Ao destacar a ameaça de uma ferramenta como o cinema ser tomada pelo fascismo para o domínio das massas, Walter Benjamin (2012) também viu nele seu potencial pedagógico e revolucionário. Se traçarmos um paralelo desse raciocínio sobre a Internet e o momento atual, podemos alegar que ela também se presta ao conservadorismo, ao verificarmos a proliferação do discurso de ódio nas redes; e ao mesmo tempo é progressista ao permitir que discursos de coletivos midiativistas de esquerda sejam amplamente difundidos. Porém, em ambos os casos, soma-se à ideia de mídia-multidão o fato de que ambos os caminhos podem ser tomados por meio do diálogo, do encontro, do debate, da multiplicação de vozes ativas, e não somente a partir da exclusividade de propagação de discursos até então vivenciada nos meios tradicionais.

O professor da Escola de Comunicação da UFRJ, Muniz Sodré, em aula proferida no PPGCOM Uerj (2015), argumentou que as formas de um saber vivo adquirido no trânsito, na cultura do cotidiano, que não são substituíveis ou formalizáveis, como a capacidade de coordenação, de auto-organização e de comunicação, foram revalorizadas com a computação. Nessas circunstâncias, nas quais a experiência ganha vigor, a narrativa midiativista por *streaming* ao vivo se encaixa como lugar de troca, de produção imaterial.

“São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. É cada vez mais frequente que, quando o desejo de ouvir uma história é manifestado, o embaraço se generalize. É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências (BENJAMIN, 2012, p. 213)

A ferramenta Twitcasting inclui um *chat* ao lado da janela de exibição do vídeo em transmissão, no qual midiativistas e internautas interagem em tempo real, numa troca incessante, que vai sendo incorporada à narrativa em construção, na



medida em que a transmissão ocorre. O espectador pode assistir e publicar comentários e conteúdos a partir da criação de um perfil, que o habilita a usar a rede social, assim como quem realiza a transmissão.

A audiência tem a sensação de estar no lugar dos acontecimentos, presenciá-los, testemunhá-los junto com o midiativista. Não se trata apenas de receber um relato sobre os fatos – pronto e empacotado a partir de visões pré-estabelecidas, mas de participar da sua apuração e construção de sentido, abrindo frente para o imprevisível, outros entendimentos de mundo. Essa imersão é potencializada pelas sensações causadas pelas cenas ao vivo da realidade intensa de um protesto e pelo tempo das transmissões, que em geral são longas, alcançando e até ultrapassando seis horas de duração. A relação demanda disponibilidade e vontade de ouvir e ver os fatos se sucedendo na sua ordem natural, uma relação temporal que se contradiz à natureza da agilidade tecnológica. Os espectadores demonstram interesse em vivê-la ao ficarem horas a fio assistindo e interferindo no desencadear da cobertura com conversas, comentários e conteúdos oriundos de outras fontes. Trata-se de uma experiência específica, que nos remete à narrativa clássica, oral, desenrolada em outro tempo, no ritmo dos trabalhos artesanais e no interesse dos ouvintes.

“Seus ninhos – as atividades intimamente associadas ao tédio – já se extinguíram nas cidades, e também no campo estão em vias de extinção. Com isso, desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade dos ouvintes. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quanto as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las” (BENJAMIN, 2012, 221)

Não se trata de voltar a uma realidade do passado ou ainda sobrevivente em contextos interioranos, mas de reproduzir uma sensação prazerosa de chegar, estar e continuar ali, possivelmente alimentada pela intensidade emocional dos fatos trazidos pelas imagens.



Se há aqui alguma relação com a experiência da narrativa clássica, o midiativista é quem encarna o narrador. O seu papel na cobertura vai além de reportar os acontecimentos: ele é sujeito ativo dos fatos, mais um na multidão das ruas. Vive os conflitos do momento enquanto rege a heterogeneidade de vozes que compõe o ambiente da transmissão. É chamado a dialogar, falar por si, pelos e com os que o assistem, no calor dos acontecimentos, na imprevisibilidade do ao vivo.

“A experiência que passa de boca em boca é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”. (BENJAMIN, 2012, 214)

Por se tratar de um contato teoricamente incomum, é possível perceber um tom despretenso, ainda inocente por parte dos atores envolvidos – midiativistas e internautas. É como se estivessem tateando um encontro inabitual sem o entendimento da sua força empreendedora, do que pode ser a experiência de uma versão da narrativa clássica adaptada ao contemporâneo através das novas tecnologias, sem, de forma alguma, insinuar que há simetria entre as duas experiências. A intenção é aproximá-las, ainda que metaforicamente, com base em características comuns, resguardando-se devidamente os seus contextos específicos.

Quando o midiativista narra a experiência vivida no momento enquanto dialoga com os internautas que o assistem, há um intercâmbio que se impulsiona pela sensação de “proximidade” entre eles.

“O narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outros. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência de seus ouvintes.” (id., ib., 217)

Não há aqui as figuras dos narradores clássicos do marinheiro comerciante, que traz o olhar, o saber que vem de longe; e do camponês, que conhece as histórias e tradições do seu país. O midiativista e sua audiência são sujeitos da globalização e



da hiperconexão, viajantes do século XXI, onde a internet é o espaço para navegar e promover encontros com suas raízes e com o mundo.

“A extensão real do reino narrativo, em todo o seu alcance histórico, só pode ser compreendida se levarmos em conta a íntima interpenetração desses dois tipos arcaicos. O sistema corporativo medieval contribuiu especialmente para essa interpretação. O mestre sedentário e os artifices viajantes trabalhavam juntos na mesma oficina; e cada mestre tinha sido um artífice viajante antes de se fixar em sua pátria ou no estrangeiro. Se os camponeses e os marujos foram os decanos da arte de narrar, foram os artifices a sua escola mais avançada. No sistema corporativo associava-se o conhecimento de terras distantes, trazido para casa pelo homem viajado, ao conhecimento do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário“. (BENJAMIN, 2012, 215)

A Internet contempla uma forma popular de contar histórias e promove os encontros necessários à sua propagação. Pessoas comuns passam a relatar suas histórias, pensamentos, vivências oriundos do senso comum. É a ascensão dos anônimos, sem fama ou projeção popular, e a cobertura midiativista em questão reflete essa produção de sabedoria coletiva, resgatando a esfera do discurso vivo.

”O grande narrador tem sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais”. Contudo, assim como essas camadas abrangem o estrato camponês, marítimo e urbano, nos múltiplos estágios do seu desenvolvimento econômico e técnico, assim também se estratificam de múltiplas maneiras os conceitos em que o acervo de experiências dessas camadas se manifesta para nós”. (id., ib, 231)

Há uma volta a uma certa comunicabilidade perdida, mais dialógica e menos informativa, um retorno à construção de um conhecimento não técnico. E aqui, a prática midiativista em questão se afasta do jornalismo corporativo, ainda que seja referenciada por ele. Segundo Benjamin (2012), a narrativa clássica inicia seu retrocesso ao arcaico com o surgimento do romance, mas é com a consolidação da burguesia no capitalismo e a evolução da imprensa que surge a forma de comunicação que influencia decisivamente a forma épica. “Ela é tão estranha à narrativa como o



romance, mas é mais ameaçadora que ele, e, de resto, provoca uma crise no próprio romance. Essa nova forma de comunicação é a informação”. (BENJAMIN, 2012, 218)

Apesar de se propor a reportar os fatos do acontecimento em pauta, não há nas características dessa prática midiativista a necessidade de ser didático, de explicação. As imagens fora de quadro e desfocadas, os áudios cortados e inconstantes não resultam em um produto limpo, anti-ruído, perfeitamente controlado e acabado como os noticiários megaproduzidos do telejornalismo, por exemplo. O consumo de informação se dá por outros tipos de entendimento, sem a imposição da conferência de uma validade exata, subordinada ao controle, o que novamente remete tal perfil de cobertura ao velho ato de narrar. Ao final, a narrativa conclui mais para uma “moral da história”, do que para o “sentido da vida”.

“A cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão para tal é que todos os fatos já nos chegam impregnados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece é favorável à narrativa, e quase tudo beneficia a informação. Metade da arte narrativa está em, ao comunicar uma história, evitar explicações”. (id, ib, 219)

Na cobertura midiativista, o imediatismo da cultura da informação se enobrece ao prazer da intensidade de vivenciar o momento narrado e à conservação de sua força na possibilidade plena de desdobramento, que resultam na impressão dos fatos na memória pelas sensações e emoções neles contidas. Não há um esgotamento em si como ocorre com a notícia quando é consumida e rapidamente se esvai do status de novidade.

Podemos dizer que o midiativista e a audiência contróem juntos uma crônica dos acontecimentos, preocupando-se com a inserção dos fatos em fluxo e não com o seu encadeamento perfeito. Cabe acompanhar a evolução de tal prática para verificar o que ela pode contribuir para a evolução do Campo da Comunicação, não só do ponto de vista do entendimento teórico, como também do ponto de vista prático.



Especialmente no que diz respeito ao jornalismo tradicional, que está num momento de grandes questionamentos por parte da opinião pública, a cobertura midiativista traz novos horizontes para uma reflexão construtiva do campo.

Referências

Inserir referências, em corpo 11, espaço simples entre linhas, seguindo as normas da ABNT. Cada referência separada da seguinte conforme exemplo abaixo:

SOBRENOME, Nome. **Título:** subtítulo. Local: Editora, Ano.

SOBRENOME, Nome. **Título:** subtítulo. Local: Editora, Ano.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8 ed. Revista. São Paulo: Brasiliense, 2012. – (Obras Escolhidas v.1).

BENTES, Ivana. **Estéticas Insurgentes e Mídia-Multidão**. Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 330-343, maio 2014. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/view/704/479>. Acesso em: 16 jul. 2015.

CASTAÑEDA, Marcelo. **“As manifestações de 2013: imbricamentos sociotécnicos e perspectivas”**. CAVA, Bruno. COCCO, Giuseppe. *Amanhã vai ser maior: o levante da multidão no ano que não terminou*. São Paulo: Annablume, 2014.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da internet**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CRARY, Jonathan. **Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

GUMBRECHT, Has Ulrich. **Produção de Presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

HANSEN, Miriam. **“Benjamin’s Aura”**. *Critical Inquiry*, Chicago, 2008. Disponível em: http://criticalinquiry.uchicago.edu/dossier_miriam_hansen/. Acesso em: 25 jul. 2015.

HARDT, Michael. NEGRI, Antonio. **Multidão – Guerra e Democracia na Era do Império**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MALINI, F. AUTOUN, H. **A Internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

PPGCOM UERJ. Seminário “A Ciência do Comum”. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=_XvR4nULiK8. Acesso em 20 jul. 2015.



COMUNICON2015 congressointernacional comunicaçãoeconsumo

5º ENCONTRO DE GTS
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // **COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)**

TRAQUINA, N. Teorias do Jornalismo: por que as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2004a. v. 1.